ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS

A MAÇÔNICA INDEPENDÊNCIA DOS E.U.A.

Márson AlquAti

© 2019 by Márson Alquati.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Autorizo a reprodução e divulgação total e/ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

G002b5

Alquati, Márson, 1972 –

A Maçônica Independência dos Estados Unidos. Márson Alquati – 2019. – Nova Roma do Sul, RS – Entre Colunas: Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas: História da Maçonaria/História Geral da Maçonaria.

17 páginas.

1. Maçonaria. 2. História. 3. Independência dos Estados Unidos. 5. Sociedades Secretas.

G002b5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Como citar este documento:

ALQUATI, Márson. ***A Maçônica Independência dos Estados Unidos.*** In: História da Maçonaria: História Geral da Maçonaria. Nova Roma do Sul, RS: Entre Colunas Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas, 2019. Disponível em: https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas. Acessado em: __/__/____.

Acesse outros trabalhos do autor:

https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas

SUMÁRIO

I – A MAÇÔNICA INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS..... **04**

II – A MAÇONARIA CHEGA NA AMÉRICA DO NORTE..... **05**

III – AS LOJAS AMERICANAS..... **08**

IV – FESTA DO CHÁ DE BOSTON..... **10**

V – O QUE DIZ A HISTORIOGRAFIA OFICIAL..... **11**

VI – A DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA..... **13**

VII – A BÍBLIA MAÇÔNICA DOS PRESIDENTES AMERICANOS.... **15**

VIII – BIBLIOGRAFIA..... **17**

ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS

A MAÇÔNICA INDEPENDÊNCIA DOS E.U.A

Em nenhum outro lugar do mundo a atuação da Maçonaria foi tão decisiva quanto na Independência dos EUA. A Independência Americana resultou na criação da primeira democracia republicana da história moderna. Ao separar-se da Inglaterra, em 1776, treze anos antes da queda da Bastilha que daria início à Revolução Francesa, os americanos testaram na prática as ideias concebidas pelos filósofos iluministas nas décadas anteriores.

Cumpre lembrar que até então, todo o poder emanava do rei e em seu nome era exercido. Mas pensadores iluministas, cuja grande maioria era igualmente integrante da Maçonaria, como o inglês John Locke, o escocês David Hume e os franceses Jean-Jacques Rousseau, Denis Diderot, Montesquieu e François Arouet ousavam propagar que era possível limitar-se o poder dos reis e até mesmo governar-se sem eles.

O Iluminismo preconizava uma nova era, em que a razão, a liberdade de expressão e de culto, e os direitos humanos individuais predominariam sobre os direitos divinos invocados pelos reis e monarcas para manter os seus privilégios. Por muito tempo isso funcionou apenas em teoria discutida nos salões e cafés parisienses.

Coube, portanto aos maçons norte-americanos demonstrar que era possível inverter-se a pirâmide do poder, ao proclamarem a Independência das treze colônias que formavam a sua nação.

Assim, as figuras do rei e da nobreza se tornavam desnecessárias.

A MAÇONARIA CHEGA NA AMÉRICA DO NORTE

Segundo o historiador e pesquisador Marcelo Linhares[1], a ideologia maçônica chegou à América com os primeiros colonizadores, admitindo-se que o primeiro maçom a pisar no novo solo foi John Skene, membro da Loja "Aberdeen", da Escócia, o qual passou a residir em Burlington, no Estado de Nova Jersey, no ano de 1682.

Em 1730, a Maçonaria, como Instituição, chegava à América colonial britânica. Embora os membros dos regimentos britânicos formassem a maior parte dos seus componentes, a sua introdução nos territórios coloniais, com a criação da primeira Loja em Massachussetts, culminaria na grande adesão de americanos natos de todas as treze colônias.

A admissão dos colonos ocasionaria, posteriormente, a abertura de novas Lojas e Triângulos maçônicos por todo o território norte-americano, dando à associação um maior peso na região[2].

Essa expansão fez com que no território americano, as Lojas Maçônicas recebessem suas Cartas Constitutivas de quatro obediências/potências internacionais distintas: da *"Grande Loja da Irlanda"*; da *"Grande Loja da Escócia"*; da *"Grande Loja dos Antigos"* e da "*Grande Loja dos Modernos"*, sendo as últimas duas de origem Inglesa[3].

Entretanto, fora da Inglaterra, a Maçonaria prescindia de adaptar-se às peculiaridades e necessidades de cada povo. Se, por um lado, no continente europeu, imperavam as monarquias absolutas, por outro, nas Américas, reinava o colonialismo opressor.

Assim, a Independência das treze colônias norte-americanas, em 1776, desencadearia uma crescente luta contra as nações colonizadoras, tornando-se o

[1] LINHARES (1997, p.123).
[2] CASTELLANI (2007).
[3] GUILHERME (2015, p.33).

estopim dos movimentos libertários que posteriormente reivindicariam a autonomia e a Independência dos demais povos americanos.

Os EUA receberam a Maçonaria por via inglesa, mas da Maçonaria francesa foi que saiu o facho do liberalismo e o efetivo apoio à sua Independência, consubstanciados 200 anos depois pela "Estátua da Liberdade" – construída por um maçom francês – e doada pelo governo da França à nova nação.

E para essa mesma Maçonaria francesa retornaria dos EUA, com juros e muito mais ardor, a chama revolucionária, preparando o caminho para a grande Revolução Francesa de 1789.

Sobre o apoio francês à Independência dos EUA e o posterior "retorno" dos ideais revolucionários para aquele país, o historiador gaúcho Morivalde Calvet Fagundes[4] relata que:

"Como a revolução norte-americana, após a conquista da Independência, necessitava de ajuda material, militar e diplomática, para o soerguimento do novo país e para livrar-se da pressão inglesa, o maçom Benjamin Franklin, como Ministro da nova nação, foi buscar essa ajuda na França Maçônica. Lá esteve por nove anos, onde conseguiu todo apoio necessário. E também foi durante esse período que conheceu o maçom Lafayette, que mais tarde se tornaria um expoente da Revolução Francesa. Na França, Franklin se filiou à Loja "Nove Irmãs", onde seria venerável por duas ocasiões (1779 e 1781), substituindo o sábio Lalande, que também era membro da "Academia Real de Ciências". Transformou sua Loja num laboratório de ideias, ao qual comparecia a nata da intelectualidade francesa da época, dentre os quais cabe destacarmos os maçons: Danton, Bertholet, La Rochefoucauld, Joseph de Maistre, Condorcet, Benjamin Constant e Cabanis. Preparava-se, assim, o caminho para a Revolução Francesa".

[4] FAGUNDES (1975, p. 31).

AS LOJAS AMERICANAS

Nas décadas que precederam à Revolução das “Treze Colônias”, as Lojas Maçônicas em toda a América do Norte eram compostas pelos mais variados tipos de políticos, comerciantes e militares, grande parte deles partidários da Independência. Mas também havia os contrários a ela.

O grupo dos “*Modernos*” de origem inglesa tendia, como não poderia deixar de ser, para o lado inglês, enquanto, gradativamente, os das outras três jurisdições identificavam-se mais com os colonos e os seus anseios por liberdade.

Em 1730, Benjamin Franklin publicou o primeiro artigo sobre a Maçonaria na América e em 1731, filiou-se à Loja da Filadélfia.

Em 1752, ingressou na Maçonaria, na Loja “Frederiesbourg”, na Virgínia, o grande maçom George Washington.

Por volta de 1760 não havia recanto da América do Norte que não tivesse

sido penetrado pela Maçonaria. Por toda a parte se pregava a unidade e a fraternidade, necessárias, sobretudo, sabendo-se que as treze províncias norte-americanas eram independentes administrativamente entre si, mesmo que continuassem dependentes da Inglaterra[5].

Por isso, os locais de discussão sobre os desmandos da monarquia inglesa e as alternativas incessantemente tentadas para evitar a guerra só poderiam ser as Lojas Maçônicas. Após as reuniões eram feitos outros encontros, de forma disfarçada, geralmente nos fundos de locais comerciais e em fazendas no interior.

Ali, sem a influência inglesa, mas seguindo os preceitos da Ordem, as ideias de um governo do povo, com o povo e para o povo começaram a surgir, juntamente com a síntese do que seria um dos mais importantes e influentes documentos do mundo: a "*Declaração de Independência dos Estados Unidos da América*"[6].

Quando foram criados os Estados Unidos como nação independente e os ingleses foram expulsos do território norte-americano, as "*Grandes Lojas Provinciais"* britânicas tornaram-se "*Grandes Lojas Estaduais*" americanas, acabando por absorver as Lojas de todas as origens que funcionavam em seu território.

Dessa forma, com a Independência, a Maçonaria dos EUA ganharia vida própria, onde prevaleceria a visão dos *"Antigos"*, já que os *"Modernos"*, por terem lutado contra a mesma, perderam pouco a pouco o prestígio.

Nesse sentido, existem vestígios de que maçons pertencentes ao grupo dos *"Antigos"* atuaram diretamente em um dos mais célebres episódios deste processo: a denominada "Festa do Chá em Boston".

[5] FAGUNDES (1975, p.31).
[6] O DELTA (2017, p.23 – edição nº 09/2017).

FESTA DO CHÁ DE BOSTON

A Festa do Chá de Boston foi uma ação levada a cabo por colonos revoltosos, mal disfarçados de índios, que abordaram barcos ingleses e despejaram toneladas de chá das Antilhas nas águas do porto de Boston em represália à "*Lei do Chá*" (1773).

Tudo começou com o maçom Benjamim Franklin, quando coube-lhe tomar a iniciativa dos acontecimentos, propondo às treze colônias um plano de colaboração e confederação, em seguida lançando mão da imprensa revolucionária e das Lojas Maçônicas para promover o movimento de libertação, o que serviu para a unificação da Maçonaria Norte-Americana em torno desta nobre causa.

O movimento teve início em Boston, cidade natal de Benjamim Franklin.

Segundo diversos historiadores, a revolta foi organizada na Loja Maçônica "Saint Andrew", cujo Venerável Mestre (Joseph Warren) era amigo pessoal de

Franklin e um dos intelectuais mais prestigiados da América do Norte, além de arrojado político.

Consta ainda que todos os falsos índios eram maçons, os quais se abrigaram (antes e depois do ato) em uma taberna que também pertencia a um maçom e se localizava próxima do cais do porto.

O QUE DIZ A HISTORIOGRAFIA OFICIAL

Sobre a participação maçônica na Independência Norte-Americana, José Castellani[7] corrobora tudo o que foi dito anteriormente, esclarecendo que durante a guerra de Independência, o maçom George Washington formou todo o seu Estado Maior com membros da Maçonaria.

Esse laço maçônico garantiria o apoio dos maçons franceses à causa, através de uma ação orquestrada pelo também maçom Benjamim Franklin, junto aos "Irmãos" franceses.

E Morivalde Calvet Fagundes[8], ressalta que:

"Para o apoio das forças armadas, contou o movimento com a colaboração inestimável do maçom virginiano, Coronel George Washington, que seria o patriarca da República. Ele manteve unido o Exército até com seus próprios recursos; e para fraternizá-lo maçonicamente criou as Lojas Maçônicas Militares (que seriam também criadas na França) e que existem até hoje, principalmente entre as tropas norte-americanas sediadas no exterior. A Loja Militar mais célebre daquela época foi a "União Americana", onde o próprio Washington celebraria as festas de São João nos anos de 1779, 1780 e 1782".

[7] CASTELLANI (2007).
[8] FAGUNDES (1975, p.31).

Também é revelador o fato de que “todos” os libertadores das colônias norte-americanas foram maçons eminentes, a começar pelos já citados George Washington, Benjamin Franklin, Thomas Jefferson, Paul Revere, Thomas Paine e os irmãos Charles e John Wesley, bem como o foram os 14 primeiros presidentes norte-americanos.

Fato comprovado pela revista “Superinteressante”[9], de agosto de 2005:

Benjamin Franklin, um dos principais articuladores da Independência, era maçom até o último dos poucos (mas longos) cabelos que tinha. E George Washington, líder dos rebelados, teria aparecido de avental maçônico na cerimônia de lançamento da Pedra Fundamental da cidade que leva o seu nome.

[9] REVISTA SUPERINTERESSANTE (Edição Virtual - Agosto/2005; p.6).

Declarada a Independência, a qualidade de maçom de Benjamin Franklin foi fundamental para conquistar a aliança com a França, fato importantíssimo para a viabilização da Independência, já que havia sido Iniciado e era filiado à Loja “Nove Irmãs” de Paris – onde, inclusive, viria a exercer a função de Venerável entre 1779 e 1781 – e, por isso, conhecia todos os grandes vultos daquela nação.

Também foi o único dos fundadores da nova nação que assinou os quatro documentos mais importantes dos Estados Unidos: o “Tratado de Paris”, o “Tratado de Aliança com a França”, a “Declaração da Independência” e a “Constituição dos EUA”.

A DECLARAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Proclamada a libertação das treze colônias, as ideias condensadas na “*Ata/Declaração da Independência Americana*” e na “*Declaração dos Direitos do Homem*”, instituída pela Revolução Francesa, rapidamente difundiram-se pelas demais colônias espanholas (através da fundação das Lojas “Lautaro”); e na colônia portuguesa do Brasil, de forma sincrônica e simultânea, determinando o despertar de sua emancipação, as ideias e os ideais que inflamariam seus povos a lutarem pela liberdade de suas nações.

A “Declaração de Independência” americana anunciava aos quatro ventos que “*todos os homens nascem iguais*” e com uma série de direitos inalienáveis, nos quais se incluíam a vida, a liberdade e a busca da felicidade.

A afirmação mudava tudo, pois até então, esses direitos eram sempre concedidos por alguém – o monarca, o rei, o imperador ou o papa – e da mesma forma poderiam ser cassados ou comprados, dependendo das circunstâncias.

A “*Declaração da Independência Americana*”, que foi redigida pelos maçons Benjamin Franklin, John Adams e Thomas Jefferson, firmada em 1776, converteu-se desde logo em uma espécie de evangelho da libertação política dos povos, tanto para os países da Europa, tendo a França à frente, como para as colônias luso-espanholas da América Latina (inclusive o Brasil).

Eis um pequeno trecho, de clara influência maçônica, da “Declaração de Independência dos EUA”:

“Quando, no curso dos acontecimentos humanos, se torna necessário a um povo dissolver os laços políticos que o ligavam a outro, e assumir, entre os poderes da Terra, posição igual e separada, a que lhe dão direito as leis da natureza e as do Deus da natureza, o respeito digno para com as opiniões dos homens exige que se declarem as causas que os levam a essa separação. Consideramos essas verdades como evidentes por si mesmas: que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis; que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura de felicidade. Que a fim de assegurar esses direitos, governos são instituídos entre os homens, derivando seus justos poderes do consentimento dos governados. Que, sempre que qualquer forma de governo de torne destrutiva de tais fins, cabe ao povo o direito de alterá-la ou aboli-la e instituir novo governo, baseando-o em tais princípios e organizando-lhe os poderes pela forma que lhe pareça mais conveniente para realizar-lhe a segurança e a felicidade”.

Dos 56 signatários da Declaração de Independência americana, cinquenta eram maçons, incluindo Benjamin Franklin, Thomas Jefferson e o próprio George Washington. Hoje em dia, os símbolos maçônicos encontram-se na nota de um dólar e espalhados pela arquitetura de toda a capital norte-americana. São obeliscos, esquadros, compassos, prumos, pirâmides, colunas com ramos de acácia, a letra “G” e o grande olho que tudo vê.

O texto redigido pelos maçons Thomas Jefferson, Benjamin Franklin e John Adams serviria, treze anos mais tarde, como fonte de inspiração para que o também maçom Marquês de Lafayete escrevesse a famosa “*Declaração Universal dos Direitos do Homem*”, a qual viria a ser adotada, um século e meio mais tarde pela ONU como a sua Carta de Princípios, com poucas e pequenas adaptações.

A BÍBLIA MAÇÔNICA DOS PRESIDENTES AMERICANOS

Outro fato bastante revelador, e que muitos historiadores ignoram, sobre a importância da Maçonaria na Independência dos EUA, ocorreu em 30 de abril de 1789.

Quando ao ser empossado o 1º Presidente da incipiente nação, o eminente maçom George Washington, a Bíblia utilizada na cerimônia foi a pertencente à Loja Maçônica "*St. Jonh's – nº 1*", de Nova York, aleatoriamente aberta em "Gênesis 49-13".

Fato que ainda hoje se repete ocasionalmente, quando a referida Loja cede a histórica Bíblia para as cerimônias de instalação dos novos Presidentes, sempre que requisitada[10].

A Independência dos EUA e a Revolução Francesa são as mais conhecidas, porém não as únicas transformações deflagradas pelo poder arrebatador das ideias maçônico-iluministas.

E no Brasil, como se deu o ingresso dessas ideias?

Quem foram os primeiros maçons brasileiros?

Como a Maçonaria surgiu e como ela se desenvolveu, antes e depois de conquistar a Independência?

Desvende a "***Maçônica História do Brasil***" nos nossos próximos trabalhos...

Acesse outros trabalhos do autor:

https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas

[10] GUILHERME (2015, p.133).

BIBLIOGRAFIA

CASTELLANI, José. ***A Ação Secreta da Maçonaria na Política Mundial***. 2ª Ed. São Paulo, SP: Landmark, 2007.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. ***A Maçonaria e as Forças Secretas da Revolução***. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1975.

GUILHERME, João. ***O Nosso Lado da Escada***. 2ª Edição. Rio de Janeiro, RJ: COP Editora, 2015.

LINHARES, Marcelo. ***História da Maçonaria: Primitiva, Operativa e Especulativa***. 2ª Edição. Londrina, PR: A Trolha, 1997.

O DELTA, Grande Oriente do Rio Grande do Sul. ***Maçonaria 300 anos. O que celebramos?*** Revista "O Delta" edição nº 09/2017. Porto Alegre, RS: Grande Oriente do Rio Grande do Sul, 2017.

SUPERINTERESSANTE. ***Maçonaria: A Ordem***. Edição virtual de agosto de 2005. São Paulo, SP: Ed. Abril. Disponível: <http://super.abril.com.br/historia/maconaria-a-ordem>. Acessado em: 29/09/2017.